

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (CIADT)

11º Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (SEADET)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



O simbólico e o material na resiliência da soberania de sementes de famílias guardiãs: uma perspectiva a partir dos sistemas socioecológicos

Fernanda Vital Ramos De Almeida; Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM); E-mail: fernandavital@iftm.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5320866330193111>

Diego Pereira Lindoso, email diegoplindoso@gmail.com

Linha de Pesquisa: Identidade, Cultura e Territorialidades

1 Introdução

Sementes crioulas são aquelas “desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades” (Brasil, 2003) e têm acompanhado povos e comunidades rurais ao longo de todo o desenvolvimento da humanidade.

Estas variedades contribuem com a soberania alimentar dos camponeses e povos e comunidades tradicionais, sendo esta necessariamente alicerçada pela soberania de sementes (Kloppenburger, 2004, p.10), visto que as sementes, constituem a base de qualquer cultivo agrícola.

O contexto legal, além de fatores sociais, políticos, econômicos e ecológicos, estão direta e indiretamente relacionados à perda da agrobiodiversidade nos territórios, o que compromete a segurança e a soberania de sementes das comunidades que ali vivem.

Além disso, o esvaziamento de significados associados às sementes crioulas, por parte do mercado de sementes e do universo corporativo da agricultura, tem contribuído com a erosão genética e de saberes do campo, comprometendo, junto à soberania alimentar e das sementes, a identidade e a reprodução social camponesa.

Entretanto, de acordo com Carneiro (1998, p. 54) é precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução destas identidades, e que a tendência seria à transformação

uniformizadora das condições de vida no campo, ainda mais considerando estes alteram-se muitas vezes a passos lentos e são passíveis de adaptação.

O campo epistêmico interdisciplinar dos Sistemas Sócioecológicos (SSE) surge a partir do impulso para uma mudança de paradigma na abordagem dos estudos da interação entre sistemas sociais e naturais. Estes constituem-se de componentes (subsistemas) sociais e ecológicos identificáveis, mas que, para fins analíticos ou práticos, tornam-se indissociáveis.

As famílias guardiãs de sementes crioulas constituem o elo entre o material (semente) e o simbólico (saberes associados e transgeracionais), conjunto necessário para a perpetuação das variedades crioulas, que sustentam o modo de vida camponês em uma relação simbiótica geradora de diversidade e resiliência no campo.

Desta forma, trazer a perspectiva de análise do sistema de famílias guardiãs e suas relações de troca de sementes, para o campo epistêmico dos sistemas socioecológicos e do arcabouço da resiliência socioecológica, torna-se uma ferramenta importante na construção do pensamento complexo e interdisciplinar acerca da soberania de sementes e da sustentabilidade.

O presente trabalho tem como objetivo, portanto, discutir como a perspectiva socioecológica do universo simbólico e material das famílias guardiãs de sementes pode contribuir na compreensão acerca das conexões e retroalimentações deste sistema e consequentemente na resiliência socioecológica da soberania destas sementes nestas comunidades.

2 Referencial teórico

A agrobiodiversidade dos agroecossistemas depende da diversidade de culturas geradas e mantidas pelos agricultores, o que proporciona uma garantia contra alterações nas condições ambientais e socioeconômicas. Além disso, sua dinâmica resulta de processos de intersecção, que ocorrem em diferentes escalas espaciais e temporais (Chappell et al., 2013, pág. 5), e está atrelada diretamente à presença das sementes crioulas, e dos agricultores, nos territórios.

Em relação ao movimento em prol das sementes crioulas, instituições como a ‘La Via Campesina’ (LVC) e o Navdanya são precursoras, embora não apresentem o termo ‘soberania de sementes’ diretamente em seus discursos institucionais (Kloppenburger, 2014, pág. 10). Com base em declarações de ambos os movimentos, Kloppenburger (2014, pág. 10) destila quatro princípios constitutivos acerca da soberania de sementes, sendo eles o: 1) Direito de guardar e replantar sementes; 2) Direito de partilhar sementes; 3) Direito de usar sementes para criar novas variedades e 4) Direito de participar na definição de políticas para sementes e variedades.

Sistemas Socioecológicos (SSE) são sistemas coesos e integrados, que caracterizam-se pelas fortes conexões e retroalimentações entre seus componentes, (Biggs et al., 2021, pág. 5), complexos, e com seus respectivos subsistemas sociais e ecológicos.

Mudanças em um SSE, antes interpretadas puramente como uma crise, na abordagem da resiliência, passam a ser vistas como potencial desencadeadoras de renovação e inovação (Walker et al, 2004), sendo, portanto, a capacidade adaptativa e/ou transformação para a permanência, o cerne da resiliência dos SSE complexos (Folke et al., 2010). Esta dependerá da capacidade dos atores sociais em adaptarem-se às mudanças de condições. Junto à esta lógica, os autores apontam que os sistemas são considerados resilientes quando respondem às perturbações, mudanças e/ou incertezas, mantendo suas funções sociais e ecológicas.

Desta forma, as comunidades agrícolas, podem ser consideradas sistemas socioecológicos (SSE), ou seja, incluem subsistemas sociais e ecológicos, complexos, em interação mútua e que sofrem alterações continuamente, devido a fatores externos (sociais, políticos, econômicos e ecológicos) e internos.

Indo de encontro à lógica dos países colonizados, apesar de não estar inserido no campo epistemológico da RSE, Suáres Ojeda propõe trazer a discussão de resiliência para esta realidade, considerando aspectos tais como a identidade cultural como indicadora desta resiliência, mostrando, a partir da observação em diferentes projetos, que populações que respeitam e exaltam suas culturas tradicionais, mostram maior capacidade de se recompor e renascer após adversidades (Ojeda, 2005, p.72).

Em relação à identidade, o argumento base da maioria das discussões é que as velhas identidades, que estabilizavam o mundo social, estão em decaimento, fazendo surgir novas identidades ou releituras de identidades preexistentes (Campos, 2020, p.39).

Quando aceita pela comunidade, a diversidade assegura a identidade do grupo, que experimenta uma consciência de si na relação de alteridade com os “de fora” (Carneiro, 1998, p. 58). Desta forma, uma identidade de ‘guardião de sementes se apresentará sempre em processo, de modo que os enfrentamentos sociais e os conflitos agrários possam ir redefinindo estas identidades.

Desta forma, para a compreensão acerca dos Sistemas Sócioecológicos serão utilizadas categorias de análise propostas por Walker et al. (2004). Para a abordagem em Resiliência Socioecológica será aqui considerado o conceito trazido por Folke et al (2010), com as considerações de Suares Ojeda para resiliência, além dos referenciais de Carneiro (1998) e Campos (2020) para identidade, e, por soberania de sementes, serão consideradas as categorias de análise propostas por Kloppenburg (2014).

3 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada a partir de revisão de literatura, tanto acerca do universo epistêmico dos sistemas socioecológicos, quanto da resiliência sociológica e da soberania de sementes.

A partir destes aportes foram alavancados nós, conexões e retroalimentações do sistema, e, a partir destas contribuições, foi elaborado um esquema analítico para a estudo da resiliência da soberania de sementes de comunidades guardiãs de sementes crioulas.

4 Resultados e Discussão

As famílias guardiãs de sementes são sistemas socioecológicos compostos tanto pelo universo material quanto simbólico dos atores e de suas relações de trocas de sementes. Acerca do universo material, encontramos os atores do sistema, no caso as famílias guardiãs, camponesas ou comunidades tradicionais, suas sementes crioulas, com sua respectiva diversidade genética, além dos bancos e casas de sementes aos quais estas famílias estão conectadas.

Em relação ao universo simbólico deste sistema, podemos destacar a identidade, cultura e demais relações subjetivas destes guardiões com suas sementes, sejam estas emoções, afetos, memórias, senso de responsabilidade, entre outros. Ambos os universos moldam as relações de produção, circulação e troca destas variedades e se conciliam em um produto único, um “pacote de saberes”, que representa valores e um acumulado de conhecimentos, envolvendo práticas e seleção ambiental através de incontáveis gerações.

Em uma análise de resiliência socioecológica, para compreendermos as famílias guardiãs e suas relações de trocas de sementes como o objeto do sistema socioecológico, é necessário compreender ‘quem’ e ‘o quê’ é (ou não) resiliente no sistema. No caso de ‘quem’, temos as famílias guardiãs, e em relação à “o quê”, este que refere-se a um atributo ou uma propriedade emergente do sistema, aqui determinou-se como sendo a “soberania de sementes”.

A soberania de sementes das famílias guardiãs, está associada a subsistemas ecológicos (‘pool genético’) e sociais (relação de produção, circulação e troca de sementes), estes distintos, porém indissociáveis, que somados resultam neste algo além, neste ‘pacote de saberes’. Este, produz e é produto de uma identidade, sob a qual se permite um olhar histórico, e que, associada aos demais componentes simbólicos diversos das famílias guardiãs, retroalimenta esta rede social de sementes, contribuindo com a agrobiodiversidade (Santilli, 2009, p. 67) em diversos níveis.

Considerando que existe uma relação de retroalimentação positiva entre a agrobiodiversidade e a soberania de sementes, nesse sentido, a soberania de sementes tem, portanto, uma representação que extrapola os direitos de plantar, partilhar e reproduzir sementes. É o fundamento de uma identidade cultural, que deve ser considerada em qualquer política de direito às sementes crioulas. Inclusive, o direito de participar na definição de políticas para sementes e variedades, também apontado como pilar da soberania de sementes (Kloppenburger, 2014, pág. 10), torna-se imprescindível quando compreendemos a relevância identitária e cultural dos guardiões nas tomadas de decisões.

A identidade do guardião de sementes também pode influenciar diretamente as relações sociais do seu sistema de sementes, por exemplo, através da capacidade de gerar agência (Campos, 2020, pág. 44).

Vale ressaltar aqui que a construção desta identidade se configura tanto em um resgate de uma tradição que se está perdendo, quanto em outros casos, como uma tradição a ser reinventada (Campos 2020, p.44), o que faz desta configuração identitária dinâmica, e sujeita às variações locais, históricas e culturais, o que, neste processo de retroalimentação com a rede social de sementes, acaba por interferir no sistema como um todo, estes que devem ser constituídos relacionalmente, ter capacidades adaptativas e serem dependentes de contexto.

Seguindo nesta lógica, a identidade, diferente da soberania de sementes, que apresenta um caráter circunstancial, passa a ser uma propriedade emergente histórica.

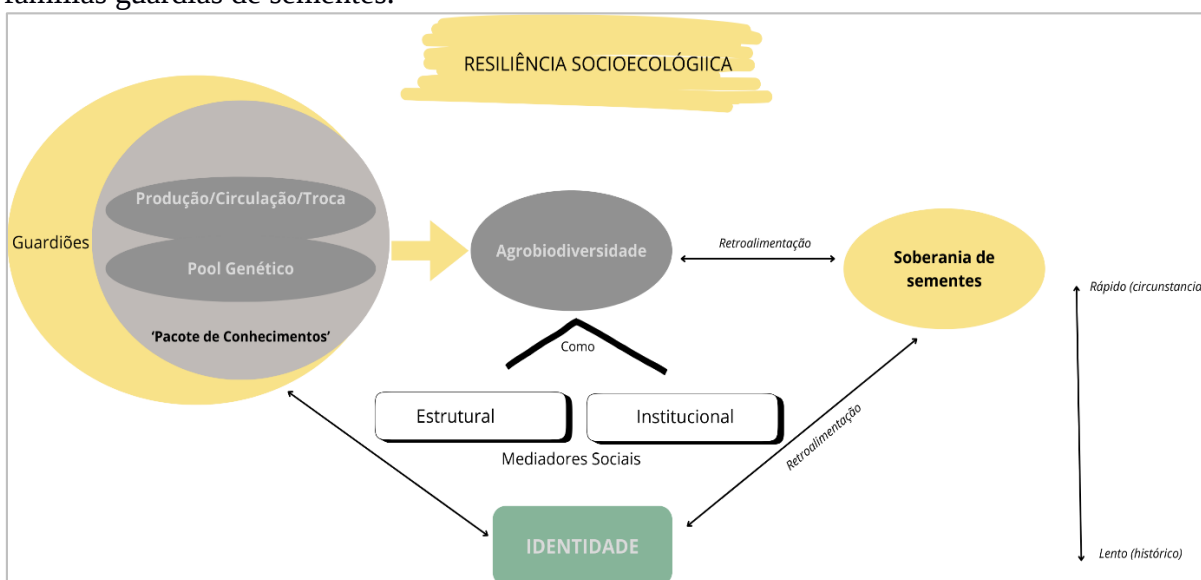
No pensamento de resiliência socioecológica, entende-se que a capacidade de renovação e reorganização do sistema em um estado desejado (em uma perspectiva humana), após uma perturbação, depende da dinâmica em escalas acima e abaixo e também ao longo do tempo e que, cada nível opera em seu próprio ritmo, inserido em processos mais lentos e em maiores níveis, mas revigorados por ciclos mais rápidos e menores de mudança. No caso do sistema aqui compreendido, a memória, associada a identidade dos guardiões compõe a escala de nível superior e que opera de forma ‘mais lenta’. A soberania de sementes, ao contrário, opera de forma mais ‘rápida’, sendo que ainda mais rápidas seriam, por exemplo, resultados de ações (pontos de entrada) de mediadores sociais.

Frente à uma perturbação, como exemplo, a contaminação de bancos de sementes por OGMs, são estas variáveis de maior nível (lentas) que permitirão que as variáveis mais rápidas (ex. soberania de sementes) se restabeleçam. Ao invés de apropriarem-se imediatamente do discurso corporativo de sementes e adquirirem sementes do mercado convencional, os agricultores que mantiverem suas memórias e elementos simbólicos (identidade, pertencimento) serão mais propícios a resgatarem as variedades crioulas perdidas de outros territórios. Da

mesma forma, a soberania destas sementes tem o potencial de perpetuarem a memória e a identidade das comunidades guardiãs, em um sistema de retroalimentação destas variáveis.

Na figura 1 está representado um esquema envolvendo o SSE das famílias guardiãs de sementes, seus subsistemas ecológicos e sociais, os pontos de retroalimentação entre as variáveis e a distinção entre suas variáveis rápidas e lentas.

Figura 1. Arcabouço analítico proposto para a resiliência da soberania de sementes de famílias guardiãs de sementes.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Outro ponto a se considerar, apontado na figura, é o papel dos mediadores sociais, tais como organizações não governamentais (ONGs), associações de agricultores, instituições de extensão rural e pesquisa, empresas, universidades, igreja, Emater, Embrapa e sindicatos. Estes podem contribuir com a aproximação e o estabelecimento de pontes que colocam atores sociais em contato e consolidam caminhos para acessibilidade, visibilidade, tomada de palavra e desenvolvimento (Campos, 2020, pág 36). Desta forma, podem contribuir direta ou indiretamente com a agrobiodiversidade e consequentemente com a resiliência da soberania de sementes das famílias. Por essa razão, são importantes eixos de análises, incluindo o seu contexto histórico, a linguagem, os discursos embasados, entre outras variáveis.

5 Conclusões

Considerando o que foi analisado para o sistema de famílias guardiãs de sementes crioulas e suas relações de trocas de sementes, considera-se que a resiliência da soberania de suas sementes relaciona-se tanto ao universo simbólico quanto material das variedades crioulas.

A partir do entendimento de que a soma entre o subsistema ecológico ('pool' gênico) e o social (produção, troca e circulação) formam um sistema socioecológico emergente, que aqui chamamos de 'pacote de saberes', entende-se que a soberania de sementes consiste em mais do que a soberania resultante do acesso ao material botânico em si. Ela depende da inserção do universo simbólico tanto quanto do material nos pilares desta soberania (direito de guardar, replantar e partilhar; direito de usar sementes para criar novas variedades e de participar na definição de políticas para sementes e variedades).

Por fim, entende-se neste trabalho que variáveis lentas, no caso aqui discutidas na perspectiva da identidade, pode fornecer subsídios para adaptações às perturbações externas ao sistema, reconstituindo variáveis 'rápidas', ou circunstanciais, tais como a soberania de sementes. Desta forma, entende-se que a identidade é dinâmica, produz e é produto da diversidade de sementes e das relações sociais envolvidas, e retroalimenta esta soberania de sementes nas comunidade guardiãs. Vale ressaltar que este estudo é apenas uma proposta de modelo de análise, e que estudos empíricos são fundamentais para validação e contextualização de resultados.

6 Referências

BIGGS, R; VOS, A; PREISER, R; CLEMENTS, H; MACIEJEWSKI, K; SCHLÜTER, M. The Routledge Handbook of Research Methods for Socioecological Systems. Nova York: Routledge, 2021.

BRASIL. Legislação brasileira sobre sementes e mudas; Lei nº 10.711, de 05 de agosto de 2003, Decreto nº 5.153, de 23 de julho de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 06/08/2003, Seção 1, p.1.

CAMPOS, M. L. 2020. Quem divide, multiplica: resgate de tradições e novas representações sociais e identitárias na conservação das sementes da Paixão-PB. 2020. 210p. (Doutorado em Des. Rural) - PPG em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Rio Grande do Sul, 2020.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos sociedade e agricultura, v.6, n.2, p. 53-75, 1998. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CHAPPELL, M. J. et al. Food sovereignty: an alternative paradigm for poverty reduction and biodiversity conservation in Latin America. F1000 Research, v. 2, p. 235, 2013.

FOLKE, C. et al. Resilience Thinking: Integrating Resilience, Adaptability and Transformability. **Ecology and Society**, v. 15, n. 4, 2010.

KLOPPENBURG, J. Re-purposing the master's tools: the open source seed initiative and the struggle for seed sovereignty, **The Journal of Peasant Studies**, 204. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2013.875897>.

OJEDA, E. N. Suarez. **Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária**. In Aldo Melillo, Elbio Nestor Suarez Ojeda (Cols), *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas*. Artmed. 2005.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo, Editora Peirópolis LTDA. 2009. 520p.

WALKER, B. H., C. S. HOLLING, S. R. CARPENTER, & A. KINZIG. Resilience, adaptability and transformability in social-ecological systems. **Ecology and Society** 9(2):5. 2004. Disponível em <http://www.ecologyandsociety.org/vol9/iss2/art5/>.

WITTIMAN H, DENNIS J, PRITCHARD, H. Beyond the market? New agrarianism and cooperative farmland access in North America. **Journal of Rural Studies**. 2017;53:303–316. doi: 10.1016/j.jrurstud.2017.03.007.